EMPRESAS

PORTOS

Sines com picos de congestionamento nas importações do Extremo Oriente

À exceção de Sines, apenas pequenos navios estão a chegar aos portos nacionais. No maior porto português, José Luís Cacho reconhece o atraso de algumas mercadorias de importação, mas diz que a maior parte dos congestionamentos está a aligeirar.

MARIA JOÃO BABO
mbabo@negocios.pt

Vítor Mota

O presidente do porto de Sines diz que a disponibilidade de contentores está a crescer de dia para dia.

Um mercado pequeno, como é o português, "ficará sempre para trás nas prioridades dos operadores marítimos, sofrendo por isso com a enorme falta de contentores", sublinha Jorge d'Almeida, presidente da Comunidade Portuária e Logística de Sines (CPLS), ao Negócios, atribuindo a essa insuficiência "a subida exponencial dos fretes, que nalguns casos aumentaram 10 vezes", diz.

Para o bastonário da Ordem dos Despachantes Oficiais (ODO), Mário Jorge, "existe um evidente constrangimento a nível dos portos nacionais e a redução da capacidade ao dispor do tráfego marítimo internacional, com relevo para os grandes navios porta-contentores". Com a supressão de escalas e opção por portos maiores e mais centrais a nível europeu, à exceção de Sines, assegura, "os grandes navios praticamente não operam em portos nacionais". Apenas os navios "feeder", acrescenta, estão a ligar esses portos europeus aos portugueses, mas com a sua dimensão mais reduzida (têm capacidade entre 100 e 499 TEU) "provocam um atraso na chegada das mercadorias".

Segundo Mário Jorge, "há casos em que, devido ao congestionamento de contentores em alguns portos da Europa, o percurso dos navios 'feeder' está com 40 a 50 dias de atraso em transportes do Oriente, porque as companhias optam por não alterar os transbordos dos contentores nos portos europeus, originando que fiquem parados duas a três semanas a aguardar o transbordo para o nosso país". O problema "afeta todas as empresas que recorrem às importações, sobretudo do Oriente, nomeadamente da China".

Sines cresce

Sines, o maior porto nacional, reconhece o atraso "de algumas mercadorias na importação, fruto do congestionamento sentido nalguns portos de origem", diz José Luís Cacho, presidente da Administração dos Portos de Sines e do Algarve (APS), que garante que, apesar do contexto internacional, da pandemia ou do bloqueio do Canal do Suez, o porto "tem-se mostrado resiliente", tendo fechado o primeiro semestre com uma movimentação total acumulada de 24 milhões de toneladas, um crescimento homólogo de cerca de 24%.

Segundo explica, "os atrasos nas entregas das mercadorias têm sido provocados pelo congestionamento de alguns dos portos e, simultaneamente, pela escassez de contentores disponíveis para atribuir às exportações", frisando que os atrasos ocorrem essencialmente nas importações da China e da Índia.

O porto de Sines, revela, "tem assistido a alguns picos de congestionamento nas importações do Extremo Oriente, diretamente proporcionais aos respetivos períodos de confinamento em alguns países exportadores". Foi o caso do porto de Yantian (China), que passou por um período difícil em junho deste ano durante um surto de covid-19, obrigando-o a funcionar apenas a 20% a 30% durante semanas. "Nesse período, o porto de Sines verificou naturalmente alguns atrasos nas cargas com origem nesse porto", relata o presidente da APS.

Apesar do impacto da atual situação das rotas marítimas mundiais, o gestor assegura que "a disponibilidade de contentores está a crescer de dia para dia, de modo a suprir as necessidades da logística mundial, e a maioria dos congestionamentos estão a aligeirar". Por essa razão, afirma que com a evolução do controlo da pandemia "espera-se uma melhoria substancial". José Luís Cacho mostra-se ainda convicto de que "o transporte marítimo, a seu tempo, irá retomar a normalidade com o aligeirar do congestionamento portuário e da escassez de contentores que hoje vivemos". ■